

LISBOA
ROMANA

O território e a memória



calei
dosc
ópio

LISBOA

ROMANA  FELICITAS IULIA OLISIPO

O território e a memória

calei
dosc
ópio

Sumário

7 Apresentação

8 Nota Introdutória

Parte I

10 *Terra Mater Olisiponensis*

MÁRIO CACHÃO;
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS,
COORDS.

11 Introdução

MÁRIO CACHÃO;
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS

12 Uma cidade com os pés
bem assentes na terra

MÁRIO CACHÃO;
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS;
CARLOS MARQUES DA SILVA

20 O mar de *Olisipo*

ANA MARIA COSTA;
MARIA DA CONCEIÇÃO
FREITAS; JACINTA BUGALHÃO;
MÁRIO CACHÃO;
ANDRÉS CURRAS

40 As riquezas do *Ager Olisiponensis*

MÁRIO CACHÃO;
CARLOS NETO DE CARVALHO;
MARIA DO ROSÁRIO CARVALHO

68 Referências

75 Notas Biográficas dos Autores

Parte II

76 *Olisipo: Espaço e Memória*

AMILCAR GUERRA,
COORD.

77 *Olisipo: Memórias de um território
nos confins do mundo romano*

AMÍLCAR GUERRA

80 As origens de *Olisipo*:
uma perspectiva sobre a Idade
do Ferro na cidade e seu entorno

ANA MARGARIDA ARRUDA; ELISA SOUSA;
ANA SOFIA ANTUNES

98 Questões míticas, literárias,
toponímicas e étnicas
da Lisboa pré-romana

AMÍLCAR GUERRA

112 Os primórdios da implementação
romana em *Olisipo*

JOÃO PIMENTA

124 A construção da província
da Lusitânia e *Felicitas Iulia Olisipo*:
onde as vias se cruzam

AMÍLCAR GUERRA

140 O fim de um tempo; o princípio
de outro: *Felicitas Iulia Olisipo*
entre romanos, bárbaros e cristãos

PAULO ALMEIDA FERNANDES

150 Referências

156 Notas Biográficas dos Autores



Os primórdios da implementação romana em *Olisipo*

JOÃO PIMENTA

Quando os exércitos romanos de Gneu Cornélio Cipião desembarcaram em Ampúrias, em 218 a.C., já a cidade de *Olisipo* era uma antiga e secular urbe portuária, gozando de franca autonomia. Não se trata, portanto, de uma realidade que se desenvolve após a conquista romana, mas de um núcleo habitado já com uma longa tradição.

Analisar os primórdios da implantação romana em *Olisipo* apresenta-se como uma tarefa complexa. A ocupação ininterrupta da colina do Castelo, desde inícios do primeiro milénio antes de Cristo até à atualidade, associado à forte tradição de atividade sísmica, e às inerentes reconstruções urbanas, levaram à formação de amplas e complexas estratigrafias, tornando mais difícil perceber a evolução da urbe, em particular nas suas fases mais recuadas. Apesar desta complexidade, o desenvolvimento da atividade arqueológica nas últimas duas décadas permitiu aumentar substancialmente os dados empíricos disponíveis, sendo hoje possível vislumbrar a relevância desta fase na história da cidade e sublinhar o alcance que o porto de *Olisipo* assumiu desde cedo (Fabião e Pimenta, 2014).

Contexto geográfico

“O Tejo tem de embocadura uma extensão de vinte estádios e uma grande profundidade, de modo que pode ser subido por cargueiros com capacidade para dez mil ânforas.”

(Estrabão, III, 3.1)

A particular implantação da foz do Tejo na fachada atlântica, associado às suas favoráveis condições naturais, fizeram com que esta constituísse um ponto incontornável

de apoio à navegação. Entrando na barra, os navios deslocavam-se até um verdadeiro mar interior, de águas calmas e margens férteis, encontrando aí um ancoradouro seguro para qualquer tipo de embarcação. Para montante, o efeito das marés fazia-se sentir até ao porto de *Morón*, considerado o último “porto de mar”. Daqui subiam o rio em barcos de menor calado até ao interior da península. O seu papel como principal via de comunicação, por onde fluíam pessoas, mercadorias, produtos alimentares e recursos mineiros,

FIG. 5

Conjunto numismático itálico identificado nas escavações de Lisboa (créditos de imagem: © João Pimenta).

levaram a que, desde cedo, a foz do Tejo se afirmasse como um dos mais importantes portos de toda a fachada atlântica.

Enquadramento Histórico

Face às suas excelentes condições de navegabilidade, manifestas riquezas auríferas e recursos agropecuários, o Vale do Tejo é desde cedo procurado por comunidades exógenas que aqui se estabelecem e interagem com as populações indígenas. É assim que, desde o séc. VIII a.C., assistimos à presença do mundo fenício, que irá incrementar o desenvolvimento dos mais relevantes povoados portuários.

Os mercadores semitas irão ter um papel relevante no desenvolvimento destes núcleos, alcançando alguns deles, dimensões significativas. Estes aglomerados de cariz urbano, mantêm ao longo da Idade do Ferro fortes contactos com o mundo mediterrâneo parecendo assumir o papel de portos abertos à navegação. É precisamente nestes núcleos que assistimos à chegada das primeiras evidências da interação com o mundo itálico.

Carthago delenda est. Esta conhecida e muito glosada expressão latina, resulta de uma célebre expressão muito repetida no senado de Roma, por um dos seus mais conhecidos e célebres senadores do período romano republicano, Catão, o Velho. Reporta-se ao conflito entre as duas maiores potências de então (século II a.C.) no Mediterrâneo, Roma e Cartago, e significa que “Cartago tem que ser destruída”. É precisamente nesse conflito de mais largo espectro que se enquadra a primeira presença militar dos exércitos de Roma na Península Ibérica. O desembarque das tropas de Gneu Cornélio Cipião em Ampúrias em 218 a.C. marca, assim, o início do processo que historicamente se definiu como conquista do território da Península Ibérica, denominada pelos romanos como *Hispania*. Para termos presente a escala dessa

conquista e em particular a sua duração, importa reter que esta só se deu por concluída com a derrota dos Cântabros e Ástures em 19 a.C. pela mão de Marco Agripa, genro de Augusto. Tinham passado precisamente 200 anos sobre início deste processo!

Embora o extremo ocidental da Península tenha estado arredado da primeira fase de conquista da Hispânia (218-154 a.C.), as consequências do conflito que opôs Roma e Cartago em solo ibérico não deixaram de se fazer sentir. Existe mesmo uma referência (Plb 10,74), não isenta de problemas, visto serem contraditórias as duas fontes que a transmitem, que nos informa de que, em 210 a.C., os chefes dos exércitos cartagineses invernavam no Ocidente: Magão, além das colunas de Hércules, junto aos Cónios, e Asdrúbal, filho de Giscão, na Lusitânia, junto à foz do Tejo (Fabião, 1992, p. 211).

Com o fim da Segunda Guerra Púnica, a necessidade de defender os territórios recentemente controlados na península acaba por conduzir, em 197 a.C., à criação de uma administração da Hispânia, sendo esta dividida em duas províncias, a Hispânia Citerior a oriente, com capital em *Carthago Nova* (Cartagena) e a Hispânia Ulterior a ocidente, com capital em *Corduba* (Córdova), governadas por dois pretores.

Com o eclodir das “Guerras Lusitanas” (155-138 a.C.) começamos a dispor de mais informações acerca dos movimentos dos exércitos romanos no Ocidente. Embora grande parte dos acontecimentos relatados nas fontes clássicas ocorra em territórios da futura província da Bética, o impacto que estas intervenções militares em larga escala têm nas relações comerciais com os portos atlânticos é significativo. Só nos últimos anos do conflito as fontes referem incursões ao Ocidente. Em 141 a.C. Q. Fábio Máximo Serviliano soma uma série de vitórias na atual Andaluzia, conquistando posições lusitanas e levando a guerra ao atual Algarve e



FIG. 1

Mapa da Península Ibérica com a localização de *Olisipo*, assim como dos principais sítios à data da entrada de *Olisipo* na esfera de Roma (créditos de imagem: © João Pimenta).

Alentejo, tendo mesmo atravessado o Tejo. Em 139 a.C., Q. Servílio Cepião, rompendo a paz com os Lusitanos, estabelecida pelo seu antecessor, desencadeia uma ofensiva fulgurante, atacando os Lusitanos e entrando em conflito com os Vetões e os Galaicos.

Os êxitos militares do governador da Hispânia Ulterior levam Viriato a propor negociações, tendo sido assassinado pelos seus próprios emissários, aliciados por Cepião. O já esgotado contingente lusitano, embora ainda tenha tentado uma incursão, mal sucedida,

nos territórios a sul, negocia a paz pouco depois e recebe territórios para se instalar, terminando assim a “Guerra Lusitana”.

É neste contexto que ocorre a primeira grande ofensiva militar romana no extremo ocidental da Península Ibérica, campanha que teria como intuito “pacificar” de forma exemplar esta região, gênese da anterior rebelião. Desencadeou-se em 138 a.C., liderada por Décimo Júnio Bruto.

Graças a Estrabão, autor grego do século I a.C., natural da cidade de *Amaseia*, (atual

Amasyia, Turquia) e autor de uma monumental *Geografia*, obtemos uma referência à entrada do vale do Tejo na esfera de Roma. Durante muito tempo foi seguida uma tradução da obra de Estrabão, que incluía nesta passagem uma referência a *Olisipo* e à sua fortificação pelo Galaico. Contudo trata-se de uma passagem corrompida, sendo essa interpretação um acrescento posterior, pouco confiável do ponto de vista hermenêutico. Neste trabalho e a bem da Ciência optamos por seguir uma recente tradução, a partir do texto original grego, de Jorge Deserto e Susana Pereira:

“(..) *Móron cidade bem situada numa elevação perto do rio, a uns quinhentos estádios do mar [...]. A esta cidade, Bruto, denominado o Galaico, usou-a como base de operações quando lutou contra os Lusitanos e os submeteu [...] poderia ter as navegações desimpedidas e o abastecimento dos víveres, de modo que entre as cidades em redor do Tejo, são estas as mais poderosas.*”

(Estrabão, *Geog.* III.3.1)

É assim através de Estrabão (III, 3.1), que sabemos que, em 138 a.C., o novo governador da província romana da *Ulterior*, o procônsul Décimo Júnio Bruto, utilizou o vale do Tejo como eixo principal da sua campanha militar no Noroeste peninsular, tendo usado a cidade de *Móron*, no fundo do estuário, a cerca de 90 km da entrada do rio, como base de operações. E apesar de tal não estar plasmado nesta nova tradução do texto estraboniano, a arqueologia já demonstrou de forma consistente que *Olisipo*, junto à foz, assumiu nesta campanha militar o papel de cidade de retaguarda, controlando a entrada do rio, mantendo livre a navegação e assegurando o abastecimento aos exércitos.

É de supor que teriam já existido contactos antes a campanha de Décimo Júnio Bruto, se não de índole comercial, que não deixaram vestígios, certamente a nível político,

envolvendo as elites olisiponenses e o poder de Roma na *Hispania*. Na breve descrição estraboniana, não é mencionada nenhuma conquista de *Olisipo*, apenas se deduz que esta é utilizada como ponto de apoio no âmbito de uma campanha militar.

Recorde-se que a campanha de Bruto se destina a penetrar no território, alcançando os Galaicos, povo que vence e que lhe dá o cognome pelo qual passa à história – *Galai-cus*. O seu exército, após essa vitória, continua a avançar, chegando a atravessar o rio Minho e, na costa Atlântica, observam, assombrados, o pôr-do-sol no oceano. Não é assim de supor que avançassem para paragens tão distantes, deixando atrás de si uma zona instável ou pouco confiável. Face a este enquadramento, parece-me mais provável que *Olisipo* tenha negociado a sua aliança com Roma, tirando assim partido do novo quadro geopolítico que se estava a delinear.

Não deixa de ser pertinente, nesta tentativa de compreensão do ocorrido com a sua integração na esfera de Roma e a título de exemplo, o caso da antiga cidade de *Gadir* e o denominado *foedus Gaditanum*, de 206 a.C. (López Castro, 1995, p. 100-102). Este tratado resulta da *deditio* de *Gadir*, no contexto das Guerras Púnicas, após a retirada de Magão. Por *deditio*, entenda-se, a sua capitulação negociada, consequência de um juramento de *fides* a Roma. O ato de *deditio* tinha como significado entregar-se ao vencedor e à sua proteção, muitas vezes com a instalação de uma força militar. Contudo, como no caso Gaditano, a *deditio*, não comportava a perda da autonomia jurídica do povo ou comunidade submetida, que sobrevive como sujeito de direito após a restituição da sua identidade e propriedades pelo vencedor (López Castro, 1995, p. 102). Este paralelismo entre *Olisipo* e o *foedus Gaditanum* não é arbitrário, mas resulta da relevância que ambos os portos assumiram no contexto da conquista e de uma relação que se encontra, como iremos ver, plasmada



FIG. 2

Planta de Lisboa com a localização das intervenções onde se detetaram níveis romanos republicanos:
1 - Praça Nova; 2 - Castelejo; 3 - Grupo Desportivo do Castelo; 4 - Rua do Recolhimento N.º 70;
5 - Palácio das Cozinhas; 6 - Beco do Forno n.º 16-20; 7 - Rua de Santa Cruz; 8 - Beco do Forno n.º 1;
9 - Rua do recolhimento n.º 36; 10 - Largo das Portas do Sol; 11 - Fundação Ricardo Espírito Santo;
12 - Teatro Romano; 13 - Claustro da Sé; 14 - Casa dos Bicos; 15 - Armazéns Sommer;
16 - Rua de São João da Praça; 17 - Pátio Senhora de Murça; 18 - Palácio Angeja
(créditos de imagem: © João Pimenta).

no registo arqueológico, em particular no abastecimento massivo de produtos alimentares envasados em ânforas. *Gadir*, como cidade aliada, estaria obrigada a fornecer a ajuda necessária a Roma nas suas campanhas, quer com tropas auxiliares, quer com mantimentos e, acima de tudo, com o apoio da sua frota naval. Cícero no seu discurso *Pro Balbo* recorda aliás que os Gaditanos auxiliaram os romanos “nas guerras difíceis”, entre elas precisamente a campanha de Bruto (López Castro, 1995, p. 158).

Assim, a partir da campanha de Bruto, a cidade de *Olisipo* entra definitivamente na esfera do mundo romano. As evidências desse contacto e interação económica e cultural encontram-se bem marcadas, como veremos, no súbito surto de importações de bens e produtos alimentares e da emergência da numária itálica no quotidiano da urbe. Apesar de todas as convulsões decorrentes dos períodos conturbados que o extremo ocidente da Península Ibérica atravessou durante os finais do século II e I a.C., não mais deixou de se fazer sentir a presença itálica na foz do Tejo.

Olisipo no século II a.C.

O grande povoado da foz do Tejo, mencionado em diversas fontes clássicas, é desde cedo considerado a génese da atual cidade de Lisboa. Realmente, nunca se perdeu a noção da antiguidade da cidade atual e da sua sobreposição à urbe romana.

A génese do povoado indígena coloca-se na colina do Castelo de São Jorge. Possui uma situação topográfica ímpar, que lhe confere condições de defesa excecionais, com vertentes escarpadas facilmente defendidas. O amplo controlo visual da barra do Tejo e do estuário, assim como da margem sul e de boa parte dos vales que a circundam a norte, que ainda hoje pode ser observado, permite o domínio estratégico da foz do Tejo e o controlo do acesso ao interior do território. A sua implantação

e apetências naturais como área portuária tornaram este povoado um sítio de excepcional importância estratégica.

As recentes pesquisas arqueológicas têm permitido definir os primeiros momentos de contacto com o mundo itálico (Pimenta, 2014; Pimenta *et al.*, 2014; Mota, Pimenta e Silva, 2014; Silva, 2014, Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017). Em todas as leituras realizadas é patente a importância e o dinamismo económico que este grande aglomerado urbano alcançou desde meados do século VIII a.C., mantendo fortes contactos com o sul peninsular.

Ao estudarmos os vestígios materiais da cidade, verificamos a súbita e maciça presença, em meados do século II a.C., das primeiras importações itálicas, que sublinham a relevância deste momento no desenvolvimento da urbe.

O estudo dos contextos arqueológicos em diversos pontos da antiga alcáçova medieval de Lisboa permitiu-nos definir a primeira fase da presença romana. Estas realidades e a análise detalhada das importações cerâmicas e do conjunto numismático permitem aferir uma cronologia centrada no terceiro quartel do século II a.C. (150-125 a.C.), mais precisamente entre 140-130 a.C., tendo em conta as cerâmicas finas aí identificadas e a sua comparação com os resultados aferidos em contextos similares de distintos pontos do Mediterrâneo (Pimenta, 2005, 2007, 2014).

Esta cronologia é compatível com a primeira grande campanha militar romana no extremo Ocidente da Península Ibérica, desencadeada em 138 a.C. pelo procônsul Décimo Júnio Bruto. Os dados disponíveis permitem sublinhar o paralelismo entre os contextos olisiponenses e os do sítio de Chões de Alpompe (Vale de Figueira, Santarém), situado num vasto planalto sobranceiro à antiga confluência do rio Alviela no Tejo, desde há muito considerado o *ubi* da *Morón* mencionada por Estrabão (Pimenta e Arruda, 2014).

Os dados relativos ao urbanismo de *Olisipo* nesta fase são relativamente escassos, mantendo-se muitas questões em aberto. De qualquer modo, patenteiam uma rutura clara entre o povoado indígena e o momento referido: não se assiste à reutilização de estruturas pré-existentes de cronologia pré-romana, mas sim a novas construções, com distintas orientações e a técnicas de construção inovadoras, desconhecidas no Ocidente à data.

Este novo desenho urbano, associado a todo um pacote artefactual, de procedência exógena, permite-nos afirmar que a chegada dos exércitos itálicos teve um profundo impacto no povoado pré-existente. Os dados do Castelo de São Jorge são elucidativos, sendo plausível supor que esta área privilegiada, onde deveriam residir as elites do povoado, assiste à implantação de um novo desenho urbano que apaga as pré-existências. Poderá esta leitura corresponder à instalação de um contingente militar dentro da cidade indígena de *Olisipo*? Julgamos que sim. Ainda que tenhamos presente a carência de materiais relacionados diretamente com o exército: armamento e *militaria*.

Se, a nível da organização do urbanismo da cidade republicana, começamos a vislumbrar a existência de um novo desenho de matriz itálica que se estende pela encosta até às margens do rio Tejo, em relação ao sistema defensivo pouco sabemos. Ou melhor, pouco sabíamos. Recentemente, a apresentação pública de novos e de antigos dados, que perduraram durante décadas inéditos, vieram trazer a público a existência de uma ampla estrutura negativa, de perfil em V, de cronologia republicana, identificada em três escavações distintas no lado oriental da antiga cidade pré-romana (na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol, Silva, 2014; na Rua Norberto de Araújo, Carvalhinhos; Mota e Miranda, 2017; e na escavação, ainda inédita, do pátio da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva), permitindo a sua interpretação como um fosso defensivo e,

a partir daí, supor a existência de uma muralha associada.

***Olisipo* no século I a.C.**

A informação para o século I a.C. é de momento menos expressiva, pelo menos em comparação com a exuberância dos contextos conhecidos para o século II a.C. Contudo, os elementos disponíveis permitem-nos sublinhar a importância que o porto de *Olisipo* terá desempenhado durante este período instável, transparecendo o seu papel como polo distribuidor de bens e produtos para o seu vasto e diversificado território (Dias, 2013, 2016, Filipe, 2015).

Durante o episódio hispânico do conflito entre os partidários de Gaio Mário e de Lúcio Cornélio Sila, conhecido como “Guerra Sertoriana” (82-72 a.C.), o extremo ocidente da Península parece, face à situação de instabilidade e conflito generalizado, ter ficado entregue a si mesmo. O teatro de operações, onde ocorrem os principais conflitos relatados pelas fontes clássicas, situa-se longe do Vale do Tejo, no Sul da Península, embora com algumas incursões ao sul do território atualmente português. Porém, tem vindo a ser sublinhada, através do estudo dos entesouramentos monetários, a forte instabilidade que se viveu nesta área do Vale do Tejo ao longo deste período (Ruivo, 1991). Através do conjunto numismático recolhido no sítio de Chões de Alpompé, interpretado como sendo *Morón*, se pode retirar a ilação de que esta cidade teria sido abandonada, provavelmente, no contexto da rebelião sertoriana (Ruivo, 1999, Fabião, 2004).

Qual o impacto deste episódio no porto de *Olisipo*? Na fase de investigação não é de todo claro. Porém, os dados do Castelo de São Jorge são elucidativos em relação ao abandono desta área da cidade em finais do século II a.C. e ao súbito declínio das importações presentes neste local.

Com a morte de Sertório e a derrota do seu comandante Perperna, a Península Ibérica parece ter atravessado um período de estabilidade. A situação veio a alterar-se com a vinda para a Hispânia, em 61-60 a.C., de um então promissor político romano, C. Júlio César, como propretor da província da Ulterior. César promoveu um conjunto de operações militares contra os Lusitanos do *mons Herminius* (habitualmente identificado com a Serra da Estrela). As fontes não são muito abundantes em aspetos relacionados com a organização e o avanço desta importante expedição; sabemos que César terá estabelecido o seu quartel-general na área de *Scallabis*, e que teria avançado para norte, apoiado por meios navais. Embora não exista qualquer referência ao papel de *Olisipo*, a alusão à utilização de meios navais e a opção pelo vale do Tejo como base de operações levam-nos a salientar o impacto que esta expedição deverá ter tido no centro portuário da foz do Tejo.

A partir de 49 a.C., com a eclosão da guerra civil entre Júlio César e Gneu Pompeio, a Península Ibérica volta a ser palco de importantes episódios da luta pelo poder. Depois de ter avançado sobre Roma e de Pompeio ter retirado para o Oriente, César marcha sobre a Hispânia, com o objetivo de destruir as forças daquele, antes de o enfrentar diretamente. Derrotando os legados de Pompeio, Afrânio e Petreio, César abandona a Península Ibérica, deixando Quinto Cássio Longino como Governador da Ulterior.

Em 47 a.C., a Hispânia torna-se de novo cenário de guerra, assistindo-se a uma sublevação movida pelos filhos de Pompeio, Cneu e Sexto. César volta à Península, derrotando-os na batalha de Munda em 45 a.C.

A ausência de emissões monetárias em *Olisipo* durante o episódio hispânico da guerra civil entre César e Pompeio, ao contrário do que se verifica noutros portos atlânticos do ocidente como *Ossonoba* (Faro), *Balsa* (próximo de Tavira) e *Salacia* (Alcácer), levou

a que se relacionasse este facto com a sua fidelidade ao partido Cesarista (Mantas, 1990, p. 161). Este apoio terá sido essencial durante um período em que os filhos de Pompeio dominavam as costas da *Ulterior* e em que o resultado do conflito dependia do controle de um porto desta magnitude. Esta lealdade não terá sido esquecida e pode justificar a atenção despendida por César ou pelo seu herdeiro para com a cidade.

Os dados arqueológicos atestam a pujança económica das importações que continuam a chegar de diversas partes do Mediterrâneo ao longo do século I a.C. Em relação à dinâmica urbanística da cidade, os recentes avanços da investigação permitem afirmar que é durante o século I a.C. que parece ter sido gizado o seu primeiro desenho em moldes itálicos. Ainda que a monumentalização da cidade decorrente da sua elevação a capital de *civitas*, em época augustana, tenha obliterado muita informação, algumas sondagens recentes deixam vislumbrar que podemos ter em *Olisipo* um urbanismo tipicamente romano em época tardo-republicana.

O mundo funerário desta fase encontra-se identificado, com uma área de necrópole, na zona da baixa pombalina, no núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros e mais a norte numa outra intervenção na mesma rua. Trata-se de um espaço que teria sido utilizado durante cerca de um século entre 50 a.C. e 50 d.C. e onde se encontram atestadas as práticas de inumação e inceneração com deposição em urna (Arruda, Bugalhão e Sousa, 2013). A localização desta área de necrópole é assaz reveladora dos limites da cidade antiga, definindo assim a zona do *pomerium*, ou seja, os limites físicos e sagrados da cidade.

Balanço e perspetivas de estudo

Nesta tentativa de nos determos sobre os primórdios da implantação romana em *Olisipo*, penso ficar demonstrado que o



FIG. 3

Topografia da colina do Castelo de Lisboa, com a reconstituição hipotética do esteiro do Tejo do vale da Baixa e com a localização das intervenções onde se detetaram estruturas e seqüências estratigráficas do século II a.C. A castanho traçam-se os limites presumíveis do núcleo urbano (créditos de imagem: © João Pimenta).

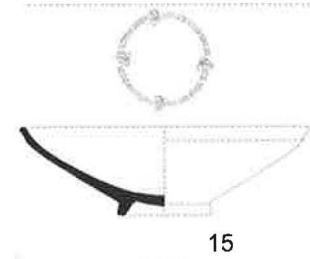
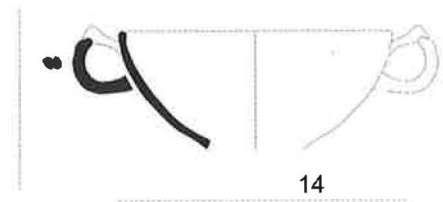
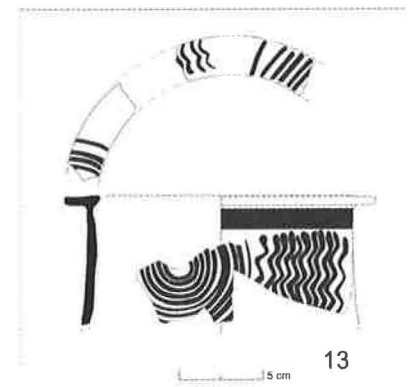
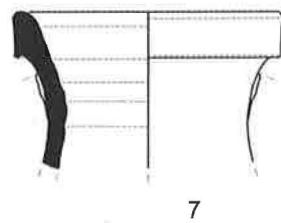
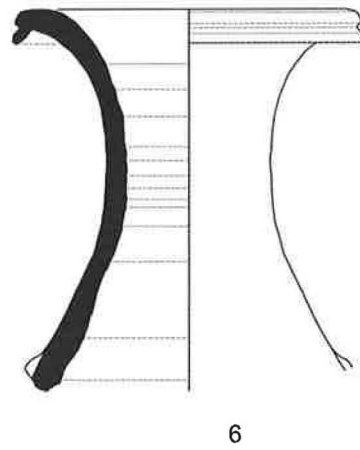
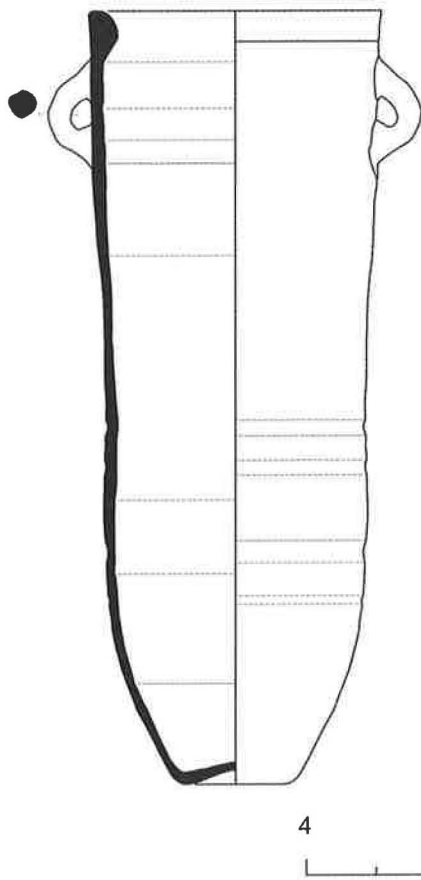
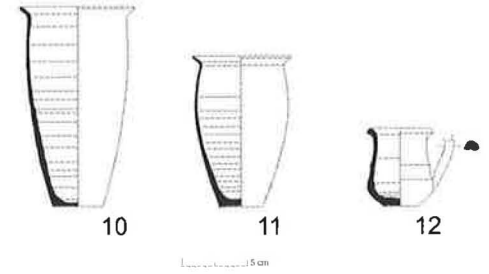
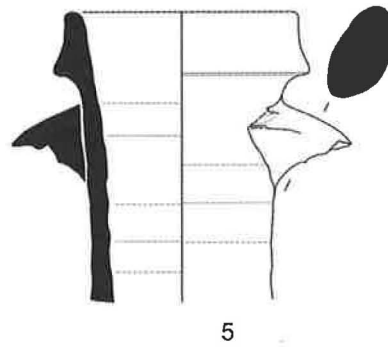
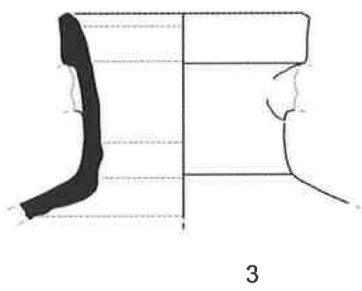
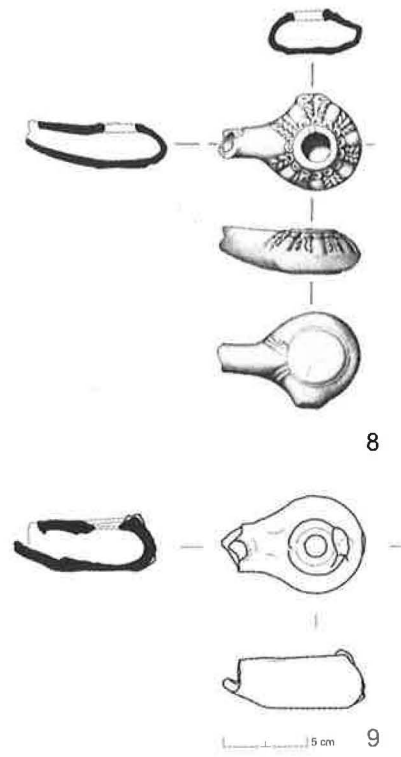
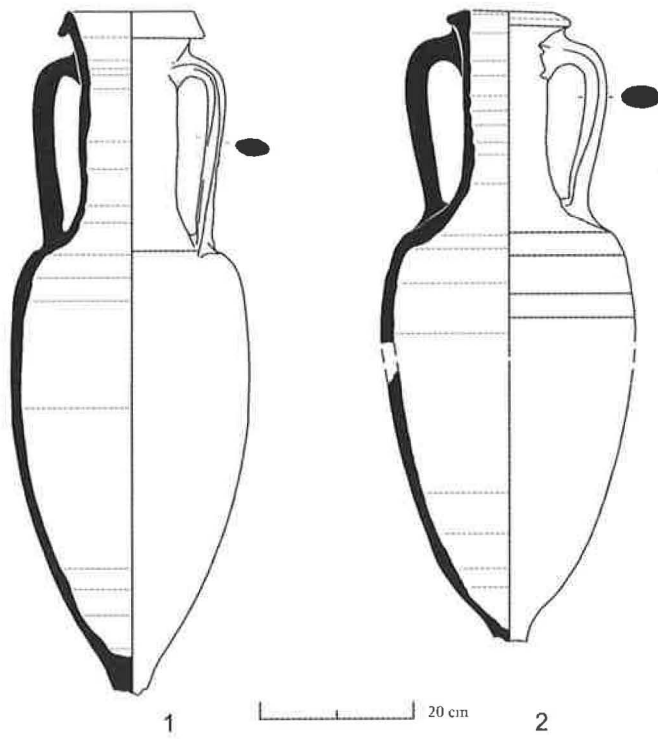


FIG. 4

Conjunto de materiais arqueológicos que corresponde aos contextos da primeira fase da presença romana em *Olisipo* – 140-130 a.C.

(créditos de imagem: © João Pimenta).

interesse de Roma se prende com a relevância estratégica do povoado indígena da colina do Castelo para o controlo da foz do Tejo e do seu porto. De uma forma clara, tanto as fontes clássicas como as arqueológicas parecem convergir, atestando o início dessa presença latina no terceiro quartel do século II a.C., o que remete para a campanha de Décimo Júnio Bruto. Não terá assim existido uma conquista em moldes tradicionais, mas sim uma *deditio*, entenda-se, uma capitulação negociada, consequência de um juramento de *fides* a Roma. Ainda que esta seja apenas uma proposta com base em paralelos com a situação da cidade de *Gadir*, parece ser uma hipótese de trabalho a seguir.

Após a campanha do Galaico, *Olisipo* entra na esfera de Roma e assume um papel relevante na linha do Tejo. A relevância da presença militar no Baixo-Tejo que nos últimos anos se tem vindo a definir de forma mais clara, permite supor o papel que esta estrada

natural assumiu nos desígnios militares de Roma, sendo essa estratégia bem evidenciada em 60-61 a.C. com a presença de César neste extremo da Ulterior (Fabião, 2014).

Terminado o conturbado período de guerras civis, assiste-se a um esforço de consolidação de uma nova organização política e institucional destes novos territórios. Por Plínio-o-Velho (PLIN. 4,117; Guerra, 1995) sabemos que *Olisipo* terá recebido o estatuto de município romano (*municipium civium Romanorum*) e com ele o *cognomentum Felicitas Iulia*, possivelmente, segundo António Faria (1999, p. 37), “entre 31 e 27 a. C., no mesmo contexto político em que foi fundada a colónia de *Pax Iulia* e atribuído o direito latino a *Ebora*”.

A cidade atinge, nesta fase, o seu apogeu e esplendor, face às profundas alterações políticas, económicas, sociais e urbanísticas decorrentes do processo de ascensão a uma nova categoria político-administrativa (Silva, 2005).

Referências

- AA.VV. (2012) - *Cira-Arqueologia 1. Mesa redonda de Olisipo a Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94 / Electa, pp. 58-63.
- Alarcão, J. de (2017) - *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a. C. ao séc. VI d. C.* Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Almeida, F. (1966-67) - Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitânico. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal, 23-24, pp. 224-240.
- Almeida, J. M. de (1992) - *De Olisipo a Lisboa*. Lisboa: Cosmo.
- Álvarez Martínez, J. M. (2015) - El tamar del Puente romano de Mérida y la navegabilidad del Ana. *Revista de Estudios Extremeños*. Badajoz: Diputación Provincial; Centro de Estudios Extremeños, 71:1, pp. 37-66.
- Álvarez Martínez, J. M.; Carvalho, A.; Fabião, C. eds. (2015) - *Lusitânia Romana. Origem de dois povos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Amaral, V. B. de (1947) - Lenda, história e epopeia de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, 34:3, pp. 33-38.
- Amaro, C. (1993) - Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa. *Estudos Orientais*, Lisboa: Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, pp. 183-192.
- Antunes, A. S.; Oliveira, J. M.; Manso, C. R. (no prelo) - Os fornos do Convento de Corpus Christi (Lisboa, Portugal). *IX Congresso Internacional de Estudos Fenícios y Púnicos Uma viagem entre o Oriente e o Ocidente do Mediterrâneo e as suas periferias*. Mérida. 22-26 de Outubro 2018. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Antunes, M. T., Cunha, A. S. (1991) - *Santos Mártires de Lisboa. Espólio osteológico de Santos-o-Novo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Arancibia Román, A.; San José, L. G.; Juzgado Navarro, M.; Dumas Peñuelas, M.; Sánchez Moreno, V. M. (2011) - Aportaciones de las últimas intervenciones a la arqueología fenicia de la Bahía de Málaga. In Martí Aguilar, M. Á., eds. - *Fenícios en Tartessos: nuevas perspectivas* (British Archaeological Reports. International Series 2245). Oxford: Archaeopress, pp. 129-149.
- Arruda, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. In *Estudos Orientais 4 (Actas do Encontro "Os Fenícios no território português)*. Lisboa: Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, pp. 193-214.
- Arruda, A. M. (2002) - *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6) Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2003) - Contributo da colonização fenícia para a domesticação da terra portuguesa. In *Ecohistoria del paisaje agrario - la agricultura fenicio-púnica en el Mediterráneo*. Valencia: Universidad, pp. 205-217.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 4.ª série, 3, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. - *Territorios Comparados: Los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. (Anejos de AEspA LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Bugalhão, J.; Sousa, E. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral de Património Cultural, 16, pp. 243-275.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Gomes, J.; Detry, C. (2018) - Chões de Alpompe (Vale de Figueira, Santarém): lendas e narrativas. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueologia*, Sevilla: Universidad, 27, pp. 201-227.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Barradas, E.; Batata, C.; Detry, C.; Soares, R. (2017) - O Cabeço Guião (Cartaxo - Portugal): um sítio da Idade do Ferro no Vale do Tejo. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. - *Territorios Comparados: Los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica* (Anejos de AEspA LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 319-361.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Soares, R. (2014) - Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca: Universidad, 74, pp. 143-155.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Soares, R.; Mendes, H. (2017a) - Fenícios e Indígenas em contacto no Estuário do Tejo. *Ophiussa*. Lisboa: Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 1, pp. 79-90.
- Azevedo, L. M. de (1652) - *Fundação, antiguidades e grandeza da muy insigne cidade de Lisboa*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Barros, L.; Cardoso, J. L.; Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz - Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa: Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

- Lisboa, 4, pp. 143-181.
- Barros, L.; Soares, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 4.ª série, 22, pp. 333-352.
- Blot, M. L. P. (2003) - *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Património Cultural.
- Brito, Fr. B. de (1690) – *Monarchia Lusitana*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Caetano, M. T. (2007) - O «último porto de Ulisses»: história, urbanismo e arte de *Felicitas Iulia Olisipo*. In *Revista Portuguesa de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, pp. 54-117.
- Calado, M.; Almeida, L.; Leitão, V.; Leitão, M. (2013) - Cronologias absolutas para a I Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na atual Rua da Judiaria em Alfama. *Cira-Arqueologia (O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios)*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, 2, pp. 118-132.
- Calado, M.; Pimenta, J.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2013) - Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do teatro romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho. *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141-149.
- Candelas Colodrón, C. (2004) – *O cronicón de Hidacio, bispo de Chaves*. Noia: Toxosoutos.
- Caninas, J.; Cardoso, G.; Henriques, F. Monteiro, M.; Sabrosa, A. (2006) – Três novas jazidas da Idade do Ferro em Torres Vedras. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 14, p. 6.
- Cardoso, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- Cardoso, G. (2012) – Sondagens arqueológicas nos fortes do Casal do Cego e da Carvalha (Arruda dos Vinhos). *Al-Madan*, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 17, pp. 168-169.
- Cardoso, G.; Amaro, C.; Batalha, L. (2018) - O Sítio Arqueológico do Alto da Casa Branca (Tapada da Ajuda, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2ª série, 22, 1, pp. 35-40.
- Cardoso, G.; Didelet, C.; Leitão, E. (2017) - Vestígios da Idade do Ferro ao Período Medieval em Monsanto. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2.ª série, 21, pp. 163-164.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. (2013) - O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira-Arqueologia 2: O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, 2, pp. 133-180.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2008) – Novos dados sobre Arruda dos Vinhos na Idade do Ferro. *Actas do IV Seminário do Património da Região Oeste*. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal, pp. 127-133.
- Cardoso, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional* (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12). Oeiras: Câmara Municipal.
- Cardoso, J. L.; Arruda, A. M.; Sousa, E. (2014) - Outurela I e Outurela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do estuário do Tejo (Concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 21, pp. 393-428.
- Cardoso, J. L.; Cardoso, G. (1993) – *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras* (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4). Oeiras: Câmara Municipal.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T. (2012) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 5.ª série, 2, pp. 355-400.
- Cardoso, J. L.; Tavares da Silva, C.; Martins, F.; André, C. (2010/2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leão (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 18, pp. 75-102.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: O lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o miradouro de Santa Luzia. *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Novembro de 2015)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/ Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 299-336.
- Correia, A. A. M. (1949) – Donde veio o nome de Lisboa? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, 42:3, pp. 5-21.
- De Francisco Martin, J. (19962) - *Conquista y romanización de Lusitania*. Salamanca: Universidad.
- De Man, A. (2006) - Conimbriga. *Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Sílabo.
- De Man, A. (2008) - *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto [policopiado].
- Dias, V. (2013) – A cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa. Uma abordagem preliminar. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 717-726.
- Dimas, S. (2015) – A substância de Deus uno e trino na dinâmica misteriosa da sua ação criadora e redentora, na apologia de Potâmio de Lisboa contra o arianismo. In *Redenção e escatologia. Estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa*. Vol. 1, Tomo 1. Lisboa: Nota de Rodapé Edições, pp. 101-117.
- Diogo, A. M. D. (1994) – Fragmento de sepultura paleocristã (entrada de catálogo). In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Lisboa Capital Europeia da Cultura/ Electa, pp. 231-232.
- Encarnação, J.; Cardoso, G. (2017) – O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais). In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2017: Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 955-966.

- Fabião, C. (1992) - A romanização do atual território português. In Mattoso, J., ed. - *História de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 202-299.
- Fabião, C. (1993) - Idácio de Chaves. In Medina, J., dir. - *História de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Ediclube, p. 30.
- Fabião, C. (2004) - Arqueologia Militar romana da Lusitânia: textos e evidências materiais. In Pérez-González, C.; Illarregui, E. coords - *Actas Arqueología Militar Romana en Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León / Universidade Internacional SEK, pp. 53-73.
- Fabião, C. (2014) - Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica. In *CIRA Arqueologia*, 3. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 9-24.
- Faria, A. M. de (1999) - Colonização e Municipalização nas províncias Hispano- Romanas: Reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2:2, pp. 29-50.
- Faria, A. M. de (2003) - Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 4:2, pp. 351-362.
- Fernandes, L. (2017) - Teatro romano de Lisboa: as ruínas e o seu Museu ou como a arqueologia promove o diálogo educacional. *Revista Temporis [Ação]. Dossiê Práticas Arqueológicas e Educação Patrimonial*. Goiás, 17:1, pp. 88-123. Disponível em WWW: (URL: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>).
- Fernandes, L., Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: IGESPAR, 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: IGESPAR, 16, pp. 167-185.
- Fernandes, P. A. (2019a, no prelo) - Olysiptona: a cidade entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. In *Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, P. A. (2019b, no prelo) - 585. A ilusão da unidade. In Tavares, R., *Portugal. Uma retrospectiva*. Lisboa: Tinta da China.
- Fernandes, R. M. R. (1985) - Ulisses em Lisboa. *Euphrosyne*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, Nova série, 13, pp. 139-161.
- Filipe, V. (2015) - As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueologia*, Sevilla: Universidad, 24, pp. 129-163.
- Filipe, V.; Calado, M.; Figueiredo, M.; Castro, A. (2013) - Intervenção Arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa). Do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Lisboa 2ª série, 17, pp. 6-12.
- Filipe, V.; Calado, M.; Leitão, M. (2014) - Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei. In Arruda, A. M., ed. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*, 2. *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2, pp. 736-746.
- França, J. C. (1949) - A estação Pré-Histórica do Alto das Perdizes. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 12: 1-2, 16-113.
- Gener Basallote, J. M.; Navarro García, M. A.; Pajuelo Saéz, J. M.; Torres Ortiz, M.; López Rosendo, E. (2014) - Arquitectura y urbanismo de la Gadir fenicia: el yacimiento del "Teatro Cómico" de Cádiz. In Boto, M., ed. - *Los Fenícios en la Bahía de Cádiz: Nuevas investigaciones* (Colezione di Studi Fenici 46). Pisa-Roma, pp. 14- 50.
- Góis, D. de (1554 [1937]) - *Descrição da cidade de Lisboa*, trad. Raúl Machado. Lisboa: Livraria Avelar Machado.
- González de Canales, F.; Serrano Pichardo, L.; Llompart Gómez, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva (c. 900 - 770 a.C.)*. Huelva: Editorial Biblioteca Nova.
- Gouveia, M. (2007) - O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (séc. X-XI). In *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 388-399.
- Gouveia, M. (2012) - Hidácio de Chaves e a Galécia do século V. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da universidade Nova de Lisboa, 29, pp. 201-216.
- Guerra, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- Guerra, A. (2002) - A Península de Lisboa no I milénio a. C.: Uma breve síntese à luz das fontes e dos dados arqueológicos. *Turres Veteras IV. Actas de Pré-história e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal, pp. 119-128.
- Guerra, A. (2004) - *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 7:2, pp. 217-235.
- Guerra, A. (2005) - O promontório Magno: Perspectivas da geografia antiga sobre o extremo ocidental da Hispânia. *Actas do Congresso "A Presença Romana na Região Oeste"*. Bombarral: Câmara Municipal, pp. 119-129.
- Henriques, S. (2006) - *A Cerâmica Cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz, Almada, Cacilhas*. Tese de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado].
- Isla Frez, A. (2007) - El lugar de habitación de las aristocracias en época visigoda, siglos VI-VIII. *Arqueología y territorio medieval*. Jaén: Universidad, 14, pp. 9-19.
- Jorge, A. M. (2001) - *Lépisopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Leguay, J. P. (1993) - O Portugal germânico. In Serrão, J. e Marques, A. H. O., *Nova História de Portugal (II)*. Lisboa: Presença, pp. 13-115.
- López Castro, J. L. (1995) - *Hispania Poena. Los fenícios en la Hispania Romana*. Barcelona. Crítica /Arqueologia.
- Machado, J. P. (1984) - *Dicionário etimológico onomástico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: ed. Autor.
- Mantas, V. G. (1990) - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de la Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires. Table ronde internationale du CNRS*. Talence - 1988 (Collection de la Maison des Pays Ibériques. 42). Paris : CNRS, pp. 149-205.
- Mantas, V. G. (2004) - Vias e portos na Lusitânia romana. In Gorges, J.-G.; Cerrillo, E.; Nogales, T., eds. - *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las Comunicaciones (Cáceres, 2002)*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 427-453.
- Mantas, V. G. (2012) - *As vias romanas da Lusitânia*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Marques, A. H. O. (1994) - 3. Lisboa evolução: séculos V a VIII. In Santana, F., Sucena, E., eds - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, p. 509.
- Marques, G. (1982-83) - Aspetos da proto-história do território português. II - Povoado de Santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, 1/2, pp. 59-88.
- Matias, C. (2003) - Serra do Socorro. Uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 308-358.
- Mattoso, J. (1992) - A difusão do Cristianismo na Hispânia. In Mattoso, J., *História de Portugal (1)*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 283-287.
- Melo, A. A.; Valério, P.; Barros, L.; Araújo, M. F. (2014) - Práticas metalúrgicas na Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal): vestígios orientalizantes. In Arruda, A. M., eds. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, II*. Lisboa: Uniarq - Centro e Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 712-742.
- Miranda, J.; Encarnação, G.; Viegas, J. C.; Rocha, E.; Gonzalez, A. (1999) - *Carta Arqueológica do Concelho da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal.
- Monteiro, M.; Cardoso, G. (2016) - A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras). *EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. 2, pp. 6-20. Disponível em WWW: (URL: www.emerita.pt).
- Moreira, A. M. (1969) - *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*. Lovain: Bibliothèque de l'Université.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. B. da (2014) - Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. In *CIRA Arqueologia, 3. Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 149-117.
- Nascimento, A. A. (2003) - Os epónimos míticos de Lisboa: Ulisses, Hércules e outros - títulos de nobilitação. In: Ventura, A., ed. - *Presença de Victor Jabouille*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 31-53.
- Nascimento, A. A. (2006) - Ulisses em Lisboa: Mito e Memória. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa: Academia das Ciências, 37, pp. 195-224.
- Nascimento, A. A. (2007) - *A conquista de Lisboa aos mouros. Relato de um cruzado*. 2.ª ed. Lisboa: Vega.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ávila, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral de Património Cultural, 19, pp. 123-128.
- Olaio, A. (2015) - *Ânforas da Idade do Ferro na Quinta do Almaraz (Almada)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado].
- Orlandis, J. (1987) - *Historia de España. Época visigoda (409-711)*. Madrid: Gredos.
- Palomo, S.; Arroyo, E. (2011) - Estudio del origen étnico a partir del ADN mitocondrial en dos individuos procedentes del solar del antiguo Teatro Cómico. *Informe realizado por el Laboratorio de Genética Forense y Genética de Poblaciones (Departamento de Toxicología y Legislación Sanitaria)*. Madrid: Facultad de Medicina de la Universidad Complutense de Madrid.
- Pimenta, J. (2005) - *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. (Trabalhos de Arqueologia, 41) Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2014) - Os Contextos da conquista: *Olisipo* e Decimo Júnio Bruto. In *CIRA-Arqueologia 3. Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*: Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 44-60.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal, 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J., Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia 8:2, pp. 313-334.
- Pimenta, J., Calado, M.; Leitão, M. (2014) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: a intervenção da Rua de São João da Praça. In Arruda, A. M., ed. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, vol. II*. Lisboa: Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 712-742.
- Pimenta, J., Henriques, E.; Mendes, H. (2012) - *O acampa-*

- mento romano de Alto dos Cacos – Almeirim. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- Pimenta, J., Silva, R.; Calado, M. (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas 1. In Arruda, A. M., ed. – *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, vol. II*. Lisboa: Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 736-746.
- Pimenta, J.; Arruda, A. (2014) – Novos dados para o estudo dos Chões de Alpompe – Santarém. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 21, pp. 375-392.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) – O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.1620) – Lisboa. In *Cira-Arqueologia*, 3. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 122-148.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) – 1.ª Campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro, Muge – Salvaterra de Magos. *Cira-Arqueologia* 2. *O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 195-219.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *Cira-Arqueologia*, 2. *O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp.19-54.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Madeira, F. (2009) – O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, 12: 2, pp. 177-208.
- Pimenta, J.; Ribera I Lacomba, A.; Soria, V. (2018) – Le ceramiche a vernice nera italica dei livelli di fondazione di *Olisipo* e *Valentia* (140–130 a.C.). *Rei Cretariae Romanae Fautores. Acta 45*. Bonn, pp. 1-11.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Amaro C. (2015) – Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral de Património Cultural, 18, pp. 161-180.
- Pimenta, P., Soares, A. M.; Mendes, H. (2013) – Cronologia absoluta para o povoado pré-romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira-Arqueologia*, 2. *O Tejo, palco de interação entre indígenas e Fenícios*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 181-194.
- Pinto, C. V.; Parreira, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 147-163.
- Quiroga, J. L., Lovelle, M. R. (1995-96) – De los vándalos a los suevos en Galicia: una visión crítica sobre su instalación territorial en el noroeste de la Península Ibérica en el siglo V. *Studia Historica: Historia Antigua*. Salamanca: Universidad, 13-14, pp. 421-436.
- Real, M. L. (1995) - Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, Universitat de Barcelona, Universidade Nova de Lisboa, pp. 17-68.
- Resende, A. de (1593 [1996]) - *As antiguidades da Lusitânia. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, J. Cardim (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo*. Algumas considerações em torno ao catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, II.ª Série, 3, pp. 75-95.
- Ribeiro, J. Cardim (2011) - *Soli Aeterno Lunae* – Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: Um caso complexo de sincretismo? In *Diis Deabusque. Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia "Culto e Sociedade"*. Sintra: Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, pp. 595-624.
- Ribeiro, J. Cardim (2013) - Ptolomeu, Geogr. II, 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In: *Vir Bonus Peritissimus Aequae. Estudos de Homenagem a Arnaldo Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 343-379.
- Ribeiro, J. Cardim (2016) - Ad Antiquitates Vestigandas. In: González Germain, G., ed. - *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 135-249.
- Rocha, A.; Reprezas, J. (2014) – *O Forte do Alqueidão. Arqueologia e História. Da Idade do Ferro às Invasões Napoleónicas. Cadernos da CILT*. Sobral de Monte Agraço: Centro de Interpretação das Linhas de Torres.
- Ruivo, J. (1991) – O conflito sertoriano no ocidente hispânico: o testemunho dos tesouros monetários. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 70, pp. 91-100.
- Ruivo, J. (1993-1997) – A circulação monetária na estremadura portuguesa até aos inícios do século III d.C. *Nummus*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática, 2.ª Série, 16-20, pp. 7-178.
- Schulten, A. (1952) – *Fontes Hispaniae Antiquae VI. Estrabón, Geografía de Iberia*. Barcelona: Librería Bosch.
- Serrão, E. C.; Vicente, E. P. (1980) – A sepultura do Rei Mouro (uma estação da Idade do Ferro) – Negrals (Sintra). *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1, pp. 28-35.
- Silva, A. V. da (1949) – Fantasia sobre as origens do nome de Lisboa. *Olisipo*. Lisboa: Grupo "Amigos de Lisboa", 12(46), pp. 67-74.
- Silva, R. B. da (1999) – Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In: *Atas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimientos, 2 a 4 de julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43-65.

- Silva, R. B. da (2014) – Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): As evidências do período romano. In *Cira-Arqueologia, 3. Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 178-198.
- Silva, R. B., De Man, A. (2012) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 397-402.
- Sousa, A. de (1948) - *O nome de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.
- Sousa, A. de (1968) - *Novos elementos para o estudo do nome de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal.
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias, 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) – A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da Colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Laboratório de Arqueologia, 50, pp. 57-88.
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. – *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia, I*. Porto: Faculdade de Letras, pp. 303- 316.
- Sousa, E.; Pinto, M. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal): novos dados das escavações realizadas na Rua do Recoilhimento/Beco do Leão. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património, 11, pp. 59-67.
- Sousa, E.; Sarrazola, A.; Simão, I. (2016) – Lisboa pré-romana: contributos das intervenções arqueológicas na Rua da Madalena. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, Lisboa: Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património, 11, pp. 69-79.
- Tranoy, A. (1974) – *Hydace. Chronique*. 2 vols. Paris: Les Editions du Cerf.
- Valério, P.; Silva, R. J. C.; Araújo, M. E.; Soares, A. M.; Barros, L. (2012) – A multianalytical approach to study the Phoenician bronze technology in the Iberian Peninsula - a view from Quinta do Almaraz. *Materials Characterization*. 67, pp. 74-82.
- Vasconcelos, J. L. de (1911) – *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Veloso, A. (1949) – Esta palavra “Lisboa”. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal, 40, pp. 6-22.
- Wolfram, M. (2013) – O poder durante a Antiguidade Tardia no império romano ocidental e na Lusitânia em particular. In *Saberes e poderes no mundo antigo (2)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 283-293.
- Zamora López, J. A. (2014) – Palabras fluidas en el extremo Occidente. Sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo, que recoge un posible

topónimo local. In Bádenas de La Peña, P.; Cabrera Bonet, P.; Moreno Conde, M.; Ruiz Rodríguez, A.; Sánchez Fernández, C.; Tortosa Rocamora, T., eds. – *Homenaje a Ricardo Olmos: Per speculum in aenigmate*. Madrid: Asociación Cultural Hispano-Helénica, pp. 306-314.

Autores Clássicos

ESTRABÃO - *Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

Notas Biográficas dos Autores

AMÍLCAR GUERRA

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
Centro de História da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.
aguerra@campus.ul.pt

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) | Departamento de Património Cultural (DPC) | Câmara Municipal de Lisboa (CML).
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

ELISA DE SOUSA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
e.sousa@campus.ul.pt

JOÃO PIMENTA

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX)
UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
Faculdade de Letras.
joao.marques@cm-vfxira.pt

PAULO ALMEIDA FERNANDES

Museu de Lisboa | EGEAC | Câmara Municipal de Lisboa (CML).
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra (CEAACP | FLUC).
Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa (IEM | FCSH-UNL).
paulofernandes@egeac.pt

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

Catarina Vaz Pinto

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património LDA.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara

Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau|Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património LDA.; The7 Hotel

(Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos LDA.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*, Território e Memória

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Amílcar Guerra - UNIARQ/ FLUL

Maria da Conceição Freitas - DG/FCUL

Mário Cachão - DG/FCUL

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Amílcar Guerra
Ana Maria Costa
Ana Margarida Arruda
Ana Sofia Antunes
Andrés Curras
Carlos Marques da Silva
Carlos Neto de Carvalho
Elisa de Sousa
Jacinta Bugalhão
João Pimenta
Maria da Conceição Freitas

Maria do Rosário Carvalho
Mário Cachão
Paulo Almeida Fernandes

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Ana Caessa – CAL/DPC/DMC/CML
Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML

© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

ISBN

978-989-658-644-7

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1.500 exemplares

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM

<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER

twitter.com/LisboaRomana

Apoiada nas investigações mais recentes que têm ocorrido sobre o subsolo do antigo território do *Municipium de Felicitas Iulia Olisipo*, a presente edição faz a atualização do conhecimento histórico acerca da presença romana naquela que seria a circunscrição administrativa mais ocidental do Império Romano.

Este segundo volume debruça-se sobre o espaço geográfico, os seus recursos e os antecedentes históricos à presença romana. Pretende-se ir ao encontro daqueles cidadãos que tem gosto pela ancestralidade histórica da cidade e do seu território, e que estão atentos as questões patrimoniais.

LISBOA
ROMANA
FELICITAS
IULIA
OLISIPO